

Editorial

Avaliar é medir, é verificar, é acompanhar. É classificar, organizar, comparar e compreender. Avaliar implica apreciar, estimar, valorizar para determinar. Computar. Avaliar é estabelecer mérito, é reconhecer, é assinalar evolução. Neste sentido, avaliar é identificar crescimento, desenvolvimento. No campo da Educação, a avaliação é um dos maiores desafios, dada a complexidade dos processos que cercam essa atividade. Mas é também inerente à própria natureza do educar. Se não, como fazê-lo sem instrumentos para medir eficácia, eficiência, abrangência, profundidade? Como ensinar e aprender sem etapas de verificação?

A revista **Contrapontos** inicia 2007 com uma edição cujo eixo temático é justamente a Avaliação. Por isso, oferece um breve dossiê com sete artigos sobre o tema. O primeiro deles vem de Portugal, de onde Afonso reflete sobre o que denomina de “obsessão avaliativa”, que acomete governos de todas as tendências há pelo menos 25 anos. Segundo o autor, não se pode pensar em avaliação sem a sua intrínseca relação com redefinições do Estado e de política públicas para o setor, entre outras preocupações.

Abramovicz, por sua vez, concentra-se justamente sobre a implantação de políticas públicas de avaliação no ensino superior. Seu artigo toma como base o que gestores de instituições públicas e privadas intencionavam no momento dessas implementações – entre 2002 e 2004 – e o que elas provocaram *in loco*. O artigo, considera Abramovicz, alcança nova envergadura e interesse agora com a adoção de um novo sistema nacional de avaliação do ensino superior, o Sinaes.

Borba, Ferri e Hostins também se debruçam sobre a avaliação do ensino superior. Entretanto, as autoras expressam preocupações adicionais com o que pensam os professores – e não apenas os gestores da educação – e como os instrumentos e as políticas de avaliação podem ajudar a regular o processo de ensino-aprendizagem. Por isso, o artigo que assinam conduz os leitores a refletir mais concretamente sobre o que é, afinal, avaliar, como isso se constrói e no que se apóia. Leitura para professores, mas que poderia ser extensiva aos alunos...

Zanchet também ouviu professores, mas seu olhar focou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A autora pondera aspectos como os que diferenciam a avaliação na sala de aula e a avaliação empreendida pelo ENEM, a competitividade como parâmetro de melhor desempenho de alunos e o papel dos professores diante desse sistema nacional que privilegia competências e não conteúdos propriamente ditos.

A avaliação formativa é o tema de Krause neste Dossiê Avaliação da **Contrapontos**. Para a autora, a articulação de uma avaliação formativa com o ensino e as formas dos registros avaliativos pode favorecer uma prática mais integrada de ensino e aprendizagem. Seu texto apresenta alguns dados de estudo sobre a evolução do processo de registro de avaliação numa escola municipal do norte de Santa Catarina. Semelhante investigação – no alcance e no olhar dispensado – é a de Sousa que avalia o Programa Escola Sem Fronteiras, ligado à rede municipal de Blumenau (SC), e os pareceres descritivos de avaliação da aprendizagem colhidos nessa experiência.

O artigo de Costa fecha o dossiê desta edição, apresentando um caso de avaliação da avaliação. A autora analisa a avaliação dos professores do ensino médio dos colégios de aplicação da Univali acerca da avaliação de seus desempenhos como docentes. Neste sentido, são professores – acostumados a avaliar alunos – que se voltam à análise da avaliação institucional. O estudo de Costa – parcela relevante de sua dissertação de mestrado – leva em conta a percepção dos professores sobre o processo e sobre o uso que a instituição de ensino e os próprios docentes fazem dos resultados da avaliação. A avaliação leva às últimas consequências. A avaliação radical, nas raízes que a sustentam.

Esta edição da **Contrapontos** oferece ainda outros dois artigos, voltados a temáticas distintas do eixo temático da Avaliação. Lück e Silva relatam as bases e os resultados de uma gestão acadêmica que privilegiou a articulação entre a formação inicial e a formação continuada de professores em exercício no magistério público. A experiência aproximou os professores das licenciaturas da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) da Coordenação das Licenciaturas, criando condições para a institucionalização de uma política para a formação de professores.

Grohmann, por exemplo, convida os leitores a buscar uma visão mais integrada, holística, das teorias educacionais. O artigo identifica “vasta gama de relacionamentos entre autores das diferentes correntes teóricas”

no behaviorismo, no cognitivismo, no humanismo, na aprendizagem social e no construtivismo. Daí a necessidade de um olhar mais aglutinador para as teorias educacionais para adultos.

Na seção Reflexões Acadêmicas, Comar e Pinto analisam a institucionalização da escola, processo entranhado nas transformações do mundo do trabalho e no desenvolvimento capitalista. Na Seção do Professor, Zucchetti e Moura analisam práticas de educação não escolar, propondo novos recortes epistemológicos. O objetivo principal nesta proposição é justamente auxiliar os educadores atuantes nesses espaços alternativos.

Por falar em epistemologia, Souza e Abram oferecem duas resenhas de obras que permitem mergulhos mais profundos na área. Tanto pela abordagem sistêmica de Edgar Morin quanto pela “antipositivista” de Boaventura de Sousa Santos. Uma entrevista exclusiva com o professor Dermeval Saviani sobre a história da educação no Brasil e os seus rumos fecha esta edição da **Contrapontos**.

* * *

A **Contrapontos** errou involuntariamente em seu Volume 6 nº 3. Na página em que nomina os pareceristas *ad-hoc*, reproduzimos os mesmos da edição anterior. Ao invés daquilo, deve-se ler como pareceristas *ad-hoc* da edição de setembro-dezembro de 2006 os professores Adair Bonini (Unisul), José Mauro Junglhaus (Univali), Rossana Gaia (Cefet-AL) e Verônica Gesser (Univali).

* * *

A edição da **Contrapontos** que os leitores têm agora em mãos traz em sua capa detalhes de três instigantes obras de arte. A primeira – com verniz que a destaca das demais – alude ao eixo temático desta edição. Trata-se de “Rind”, de 1955, de M. C. Escher. O detalhe que estampamos na capa evidencia uma estrutura dinâmica espiralada de um rosto. Se avaliar é medir, mas também classificar, definir e categorizar, a obra funciona como uma poderosa metáfora do dossiê que oferecemos neste número.

A segunda figura da capa é “The Pleasure Principle”, de 1937, de René Magritte. O detalhe do quadro – que tem como subtítulo “Portrait of Edward James” – foi escolhido para ilustrar a próxima edição da revista, que trará um dossiê sobre Psicologia da Educação. Completa a capa da **Contrapontos**, detalhe de “Operários”, de 1933, de Tarsila do Amaral.

A obra é um clássico da pintura moderna brasileira e ajuda a ilustrar a última edição da revista do Mestrado em Educação da Univali em setembro-dezembro. Entre outras coisas, o dossiê deste número relembra e reflete os dez anos sem Paulo Freire, o educador que tanto se preocupou com a educação de adultos e trabalhadores.

* * *

Às vésperas do fechamento deste número, a Comissão Editorial da **Contrapontos** foi assaltada com uma notícia chocante: a morte prematura e repentina de uma das autoras desta edição. O episódio é mais um na esteira da violência urbana que atravessa o cotidiano nacional. O episódio vitima uma pesquisadora, uma educadora, um ser humano preocupado com o estudo, o aprimoramento pessoal e social. Mas os leitores podem questionar: o que uma revista científica pode fazer neste caso? Pouca coisa ou quase nada. Pode se unir às vozes que resistem ao caos. Pode render uma homenagem à professora Aparecida Marcianinha Pinto. Pode ajudar a lembrar que a educação não se encerra nas escolas nem nos anos letivos; ela atravessa paredes e épocas, contagia povos distintos e interesses os mais variados. A educação se conjuga como a produção de saberes, como a comunhão de conhecimentos, como a propagação de valores, como uma das formas de invenção do humano. Isto é, o avesso da bestialidade, da violência gratuita e da barbárie.

Boa leitura!

Comissão Editorial

contrapontos@univali.br